

CAUSA ANALÍTICA

Boletim de
Psicanálise da Escola
da Causa Analítica —
EDCA

Diretor Responsável:
Mary Ruth Pedrosa
Gouveia

Conselho Editorial e
Administrativo:
Beatriz Adriana
Komavli de Sanchez
- Carmen Giglio
Lustosa Diacovo - Elza
Marques Calôba -
Gilberto Germany
Herter — Heliana
Malta Brandão Leal -
Maria Adelaide
Cavalcanti Pontes -
Maria Beatriz Corrêa
de Azevedo - Maria
Inês Prates da Silveira
- Mary Ruth Pedrosa
Gouveia - Nadiá Paulo
Ferreira - Neusa Laís
da Silva Coelho -
Reginaldo Branco da
Silva - Ricardo
Eduardo Delfino -
Sérgio Luís Braghini
- Susana Amalia
Palacios.

Correspondentes
Nacionais e
Internacionais:
Antônio Sérgio Lima
Mendonça (Rio
Grande do Sul) - Maria
Luísa Iguale
(Argentina) - José
Milano (Argentina) -
C. Edward Robins
(Estados Unidos) -
Robert Levy (Europa).
Capa e Ilustrações:
Carlos Alberto
Sanchez

Diretório da EDCA:
Susana Amalia
Palacios (Diretora) -
Amanda Perez Pinos
- Elza Marques Calôba
- Gilberto Germany
Herter - Maria
Adelaide Cavalcanti
Pontes - Maria Beatriz
Corrêa de Azevedo -
Mary Ruth Pedrosa
Gouveia - Neusa Laís
da Silva Coelho -
Ricardo Eduardo
Delfino.

As matérias publicadas
são de
responsabilidade de
seus autores.

Rua Barata Ribeiro,
250 - Grupo 6 - 3ª A.
- Copacabana - Rio de
Janeiro - CEP
22040.000 - Tel.:
236-0563

Rua Tutoia, 795 - Casa
2 - Paraíso - São Paulo
- CEP 04007.004 -
Tel.: 884-2728

EDITORIAL

Nos encaminhamos ao encontro do leitor escrevendo desde uma experiência, a da psicanálise, possibilitando-nos assim um espaço e um tempo para dar as razões de nossa prática, o que implica uma política. O porvir será testemunha das conseqüências de tê-lo feito já que é impossível governar os efeitos de transmissão ou nos vermos desde onde nos olham.

Apostamos a ampliar o campo do legível, ou seja, conquistar terreno aos deuses, com escritos que situem as diferenças teóricas que dirigem nossa prática, produzindo um modo de acesso à discussão, um modo de estender à cena social o coração de nossa experiência. Como vêm não entendemos por discussão contrariar alguém e muito menos querelar e sim um fazer juntos, produzindo uma discursividade adequada à prática do inconsciente, uma política consistente com o discurso do analista que reconhece que não há transmissão por fora da legitimidade do sintoma.

Nesta época onde o discurso capitalista puxa os poderes institucionalizados a uma política expansionista, a difusão maciça e a inconsistência de jargões que se cotizam no mercado do saber, a psicanálise corre o risco de ser reduzida a um objeto de consumo formando parte dos estoques do mercado informático.

Deste modo esquece-se que a descoberta do inconsciente altera o estatuto tradicional do saber, saber que se estrutura sobre uma impossibilidade da qual o ser falante nada quer saber.

Se bem é certo que o Sujeito da psicanálise é o Sujeito da ciência, o que de per si a introduz no campo científico, a experiência analítica reinstala a verdade, ali, nesse campo surdo para escutá-la.

É por isto que a política do sintoma é nossa única política, o que exige a prática de um discurso que por ser tal exclui o modelo, as versões autorizadas que elidem a leitura, difundindo dogmaticamente informações, como também qualquer instância legitimadora.

Se hoje o círculo se fecha não é sem relação à ignorância dos textos ou à abundância de consignas e ditos oraculares, que fabricam uma clientela, tanto mais anoréxica quanto mais ruidosamente ecológica — o que cria por sua oferta demanda de técnicas, receitas e interpretações do que o mestre disse e até quis dizer — nem é tampouco sem a manipulação do poder da transferência que instrumenta o sacrifício do amor. Modos em que a época intenta capturar esta experiência para torná-la um novo tipo de satisfação.

É preciso distinguir a psicanálise dos interesses corporativistas, dos benefícios de grupos. Quando os últimos comandam a ação, emerge a justificativa que diz que nos assuntos políticos valem outras máximas de atuação diferentes da

vida privada. Como não ver nesta dupla moral o retorno em nossa comunidade da escola maquiavélica, onde o triunfo político deve se realizar por cima de tudo, através de qualquer meio?

É assim — que hoje — vemos analistas praticantes não se subtraírem, nem ao gozo da difamação, nem ao gozo de roubar nas instituições a que pertenciam, embandeirados com o “não ceder ante o desejo”, reduzido a uma consigna de intenção ao serviço de alcançar a ambicionada meta de um principado. Será que a organização política e social da psicanálise é alheia à experiência do um por um de cada caso? E que o desejo do analista é um modo de acesso aos bens da cidade?

Entendemos que este desejo, por se separar das ambições, ilusões e esperanças modernas, pode possibilitar uma experiência com a verdade originária, ou seja, uma experiência com a causa material, que é o que nossa época tende apagar, real do ser de gozo que constitui a inevitável libra de carne que o ser que fala e por falar oferece, enigma que não cessa de emergir como mal-estar na cultura e que nenhuma tomada de consciência, nem de ideologia, nem de doutrinação podem transformar.

A causa analítica é esse mais além do prazer que supre o impossível do todo que a linguagem situa, letra que cifra o gozo que é sintoma, e que cada um por falar deposita na língua.

Como não existe interior psíquico sem relação com um exterior cultural, restam-nos dois caminhos, por um lado a transmissão da diferença absoluta, através do desejo do analista, e, por outro, dizer do perigo que implica a universalização do gozo, que o discurso da ciência promove através do objeto técnico, ambos “antes de que a humanidade se cure da psicanálise”.

Se não se trata de aplicar a psicanálise a outros campos para expandi-la e sim de realizar uma extensão séria, esta só poderá ser possível se tem como raiz a experiência, ou seja, a psicanálise em intensão que diz da possibilidade que o discurso do analista tem de gerar analistas, o que põe em jogo uma série, que é um modo novo de filiação discursiva que faz cair, tanto a cumplicidade do nomear para, traço da degeneração da função do Nome do Pai, como os laços de herança e de linhagem sustentados no nome próprio.

A extensão então presentifica a psicanálise no mundo, sendo o tratamento pelo simbólico do real da experiência, o que diz da responsabilidade dos analistas para não ridicularizar seu saber neste campo inaugurado pelo ato freudiano, mas aberto e limitado pela nova escrita de Lacan em seu retorno a Freud, o que não foi sem o olhar valioso que soube ter a respeito da espiral de sua época.